

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

VICTÓRIA CAROLINA DE GASPERI BARBOSA

**O LUGAR DA VOZ NA LINGUÍSTICA SAUSSURIANA:
UM ESTUDO SOBRE O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL**

PORTO ALEGRE

2022

VICTÓRIA CAROLINA DE GASPERI BARBOSA

**O LUGAR DA VOZ NA LINGUÍSTICA SAUSSURIANA:
UM ESTUDO SOBRE O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão do
Curso de Graduação em Letras – Licenciatura;
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, como
requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de
Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Luiza Ely Milano

PORTO ALEGRE

2022

AGRADECIMENTOS

À Luiza Milano, por toda sensibilidade e incentivo durante minha trajetória acadêmica. Sigo aprendendo muito contigo.

À minha família, que sempre apoiou minhas escolhas desde que eu era uma criança apaixonada por gibis até o final da minha graduação em Letras. Obrigada por nunca medirem esforços para que eu pudesse estar aqui.

Ao grupo do Rastro, pela parceria e ajuda. Todas as reuniões foram essenciais para a escrita deste trabalho.

Aos meus amigos, especialmente aos que acompanharam de perto a escrita do TCC: Ana, Emily e Julli.

Ao Fábio, por todo o carinho e por sempre tornar tudo mais leve.

RESUMO

A presente monografia parte de reflexões oriundas de minha trajetória de Iniciação Científica junto ao grupo de pesquisa *O Rastro do Som em Saussure*. As discussões suscitadas nas reuniões do grupo foram posteriormente levadas ao Salão de Iniciação Científica da UFRGS (2020; 2021) e o objetivo inicial era compreender se haveria, na linguística saussuriana, um lugar para o estudo da voz. Fruto dessas pesquisas acerca da relevância do aspecto fônico da língua nas obras de Saussure, este trabalho busca fazer um estudo do Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 2006), buscando entender de que forma a voz ganha lugar na linguística saussuriana. As reflexões propostas têm como base, além do próprio CLG, estudos de Normand (2009), Depecker (2012), Milano (2013; 2016; 2017) e Stawinski (2019; 2020), dentre outros autores importantes para nossas considerações. Propõe-se, portanto, um estudo do *Curso* partindo, inicialmente, de uma discussão sobre a questão do fônico presente na obra para, posteriormente, buscar pistas dessa materialidade linguística específica que é a voz. Ao rastrear a bibliografia de base, percebeu-se que existem diferentes ocorrências relacionadas à voz e ao vocal no CLG, tais como *órgãos vocais*, *aparelho vocal*, *signos vocais*, *cordas vocais*, *vibrações vocais*, *ação vocal*, e *imagem vocal*. Para além de apenas destacar essas menções ao aspecto fônico-vocal no *Curso*, o contexto em que apareciam também foi observado para que se pudesse fazer, brevemente, uma análise dessas ocorrências. Em síntese, os resultados mostraram que, na maior parte das ocorrências, a voz no *Curso* vai além de uma pura massa fônica e, embora não seja explicitamente abordada pelo linguista, os trechos em que há uma menção à voz demonstram uma relação entre alguns dos principais conceitos saussurianos como língua e fala, signo, valor e significante - e isso parece demonstrar que a voz ocupa um espaço importante nas considerações de Saussure imbricadas em seus principais conceitos.

Palavras-chave: Voz. Saussure. Linguística.

ABSTRACT

This monography is based on reflections from my journey in Scientific Initiation with the research group *O Rastro do Som em Saussure*. The discussions aroused in the meetings of the group were later taken to the Salão de Iniciação Científica da UFRGS (2020; 2021), and the initial objective was to understand whether there would be a place for the study of voice in Saussurean linguistics. As a result of these researches about the relevance of the phonic aspect of language in Saussure's works, the purpose of this work is to make a study of the Course in General Linguistics (SAUSSURE, 2006), seeking to understand how the voice takes place in Saussurian linguistics. The proposed reflections are based on Normand (2009), Depecker (2012), Milano (2013; 2016; 2017) and Stawinski (2019; 2020), among other important authors for our considerations. Therefore, a study of the CGL is proposed, initially starting with a discussion about the phonics issue present in the work, and, later, search for clues of this specific linguistic materiality which is the voice. When tracing the base bibliography, it was noticed that there are different occurrences related to *voice* and *vocal* in the CGL, such as *vocal organs*, *vocal apparatus*, *vocal signs*, *vocal cords*, *vocal vibrations*, *vocal action* and *vocal image*. In addition to just highlighting these mentions of the phonic-vocal aspect in the book, the context in which they appeared was also observed; in this way, a brief analysis of this occurrences could be made. In summary, the results showed that in most cases, the voice on CGL is not only a pure phonic mass and, although it is not explicitly addressed by the linguist, the parts in which there is a mention of the voice show that there is a relationship between some of the main Saussurean concepts such as language and speech, sign, value and signifier. This seems to demonstrate that the voice has an important space in Saussure's considerations enmeshed in his main concepts.

Keywords: Voice. Saussure. Linguistics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	SAUSSURE E O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL: UM PANORAMA HISTÓRICO	8
2.1	SOBRE A QUESTÃO DO FÔNICO NO CLG	12
2.2	O FÔNICO PARA ALÉM DO CLG	14
3	DA LÍNGUA AO SIGNIFICANTE	18
3.1	A REFLEXÃO SOBRE LÍNGUA NO CLG	18
3.2	“A UNIDADE LINGUÍSTICA É UMA COISA DUPLA”: O SIGNO LINGUÍSTICO NO CLG	20
3.3	O SIGNIFICANTE NO CLG	22
3.4	O “SOM COMO TAL” E O “SOM COMO SIGNO”: O SIGNO LINGUÍSTICO PARA ALÉM DO CLG	23
4	A VOZ E SEU LUGAR NO CLG	25
4.1	DIFERENTES DEFINIÇÕES DE VOZ	25
4.2	A VOZ NA LINGUÍSTICA	27
4.3	REFLEXÕES EM TORNO DA VOZ NA LINGUÍSTICA SAUSSURIANA	27
4.4	A VOZ NO CLG	30
4.4.1	As ocorrências “vocais” no CLG	30
4.4.2	O som por “si mesmo”	31
4.4.3	Voz e Valor	31
4.4.4	A voz e a fronteira língua/fala	32
4.4.5	A voz e a impressão acústica/imagem acústica/significante	33
5	CONCLUSÃO	36
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

As reflexões apresentadas no presente trabalho surgiram, inicialmente, através de um questionamento feito em uma aula de fonologia: por que a voz muda quando falamos outras línguas? Alguns colegas afirmavam que até a personalidade do falante parecia se adaptar à língua que estava sendo falada. Essa curiosidade envolvendo a voz em fronteira de línguas foi posteriormente levada por mim ao grupo *O Rastro do Som em Saussure: sob efeito da escuta*¹, e pôde ser recontextualizada sob a ótica da teoria saussuriana. Através de estudos feitos junto ao grupo, percebemos, então, a necessidade de compreender primeiro se haveria, na linguística saussuriana, um lugar para o estudo da voz para posteriormente tentar entender melhor o que acontece com o falante ao mudar de voz quando fala outras línguas.

Logo no início do percurso de pesquisa, nos deparamos com a heterogeneidade do corpus saussuriano. Por isso, foi necessário delimitar a nossa pesquisa em duas fontes - o CLG e estudos feitos com base nos manuscritos saussurianos *Sobre a essência dupla da linguagem*. Também buscamos a interpretação de diferentes autores para pensar a importância do aspecto vocal-fônico em e a partir de Saussure, como Stawinski e Milano (Milano 2013; 2016; 2017; Saussure 2006; Stawinski, 2019). O trabalho fruto desse primeiro mergulho foi apresentado no XXXII Salão de Iniciação Científica da UFRGS com o título “O lugar da voz na linguística saussuriana” (BARBOSA, 2020) e aprofundado em 2021 com o trabalho “A voz na fronteira entre línguas: uma reflexão saussuriana” (BARBOSA, 2021).

A presente monografia, portanto, parte das reflexões oriundas de minha trajetória em Iniciação Científica junto ao grupo *O rastro do som em Saussure*, focando principalmente na abordagem do lugar que a voz ocupa no legado do linguista suíço.

Para organizar o percurso deste trabalho, partirei de um panorama histórico do Curso de Linguística Geral² e a importância de sua leitura. No primeiro capítulo deste trabalho, iniciaremos trazendo considerações sobre as diferentes interpretações do Curso de Linguística Geral, sobre a questão da autoria na obra, sua origem e importância no cenário da linguística moderna – além de destacar as diferentes fontes saussurianas que, além do próprio CLG, foram importantes para a construção do presente trabalho. Também destacamos a questão do fônico que perpassa as questões apresentadas neste trabalho.

No segundo capítulo, nossa discussão passará pelos conceitos saussurianos de língua, signo linguístico e significante, partindo, então, para uma reflexão sobre o som como tal e o

¹ Grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Luiza Milano (PPG Letras-UFRGS), projeto em andamento.

² A partir daqui, Curso ou CLG.

som como signo. Todas as noções destacadas neste capítulo se relacionam, de certa forma, com o que destacaremos no capítulo seguinte.

Finalmente, no terceiro capítulo, destacaremos algumas ocorrências dos termos *voz* e *vocal*, além de alguns trechos onde há menção indireta à voz no CLG. Essas ocorrências destacadas no capítulo estão divididas por “temática”, embora saibamos que se relacionam aos diferentes conceitos mencionados no capítulo 2. O intuito deste capítulo é, justamente, mostrar parte de uma reflexão que, acreditamos, ainda pode ser aprofundada em trabalhos futuros. A partir dessas reflexões, buscaremos compreender de que forma a voz ganha lugar na linguística saussuriana e, mais especificamente, de que forma podemos vislumbrá-la no Curso de Linguística Geral.

2 SAUSSURE E O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL: UM PANORAMA HISTÓRICO

Para as reflexões que faremos ao longo do trabalho, consideramos a importância de falar sobre o mais canônico dos textos saussurianos de uma forma mais detalhada: o Curso de Linguística Geral, mais conhecido como CLG. Publicado em 1916, o CLG é considerado o principal texto do linguista genebrino - embora seja uma obra póstuma publicada três anos após sua morte.

Editado por Charles Bally e Albert Sechehaye e com a colaboração de Albert Riedlinger, o livro é uma compilação das anotações dos estudantes dos cursos de Saussure na Universidade de Genebra, além de umas poucas notas autográficas de Saussure, encontradas em suas gavetas. Saussure ministrou três cursos sobre Linguística Geral: o primeiro deles ocorreu de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907; o segundo, de novembro de 1908 a 24 de junho de 1909 e o terceiro de 29 de outubro de 1910 a 04 de julho de 1911. Os editores do CLG, porém, não foram ouvintes diretos de seus cursos - e esse é um ponto de partida importante para a leitura do livro: saber que muito do que se atribui ao pensamento do linguista genebrino é fruto dessas diferentes interpretações feitas a partir dessas notas. Os editores tinham em mãos notas de Louis Caille, Leopold Gautier, Paul Regard, Mme.A. Sechehaye³, George Degallier, Francis Joseph e Albert Riedlinger.

O próprio CLG é, então, uma obra que passa por diferentes perspectivas que não pertencem apenas a Saussure - até porque, em seus cursos, Saussure não colocava suas ideias como “definitivas”, e essas notas eram um reflexo - por vezes impreciso - da exposição oral. Ao mesmo tempo em que o livro estabelece sua importância no cenário da linguística moderna, também é criticado por não ser uma obra originalmente saussuriana por conta das inserções dos editores (RIBEIRO, 2019, p. 19). Apesar das críticas, os editores já haviam anunciado no prefácio que tinham consciência das possíveis dificuldades dessa empreitada:

Sentimos toda a responsabilidade que assumimos frente à crítica, frente ao próprio autor, que talvez não autorizasse a publicação dessas páginas. [...] Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes? Ficar-lhe-íamos gratos se dirigisse contra nós os golpes com os quais seria injusto atacar uma memória que nos é querida. (SAUSSURE, 2006, p.4).

³ Milano (2021) faz uma investigação sobre a presença das mulheres na linguística saussuriana, texto que surgiu da constatação de que, dentre os alunos presentes nos cursos de linguística geral ministrados por Saussure, havia uma mulher: Mme. Sechehaye. Ao longo de minha pesquisa de Iniciação Científica (IC-CNPq), fui colaboradora dessa investigação, consultando os Cahiers Ferdinand de Saussure. O texto As Mulheres e a Linguística Saussuriana é um dos capítulos do livro (Re)leituras em Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste e está disponível em <https://pedrojoaeditores.com.br/site/releituras-em-ferdinand-de-saussure-e-emile-benveniste/>.

A responsabilidade assumida pelos editores nos parece ainda maior ao sabermos que não foi possível acessar muitas anotações de Saussure, já que ele costumava destruir muitos dos seus rascunhos - o que pode demonstrar suas incertezas e seu descontentamento frente algumas ideias em construção.

A leitura feita do legado saussuriano partiu de diferentes pontos de vista e, até hoje, novas releituras são feitas, a partir do CLG ou negando sua importância. O que acaba acontecendo é que muitos estudantes de Letras começam a conhecer o pensamento saussuriano através da leitura do Curso - ou de trechos do mesmo que são considerados “mais importantes”. Não é raro que os estudantes de graduação conheçam as ideias de Saussure somente por conceitos-chave como signo linguístico, valor, significado e significante, arbitrário, sincronia e diacronia - e façam a leitura apenas de trechos do Curso que melhor definem esses conceitos. Sobre a questão das releituras feitas do legado saussuriano, Normand (2009) afirma que, “contenta-se, o mais frequentemente, com extratos que ilustram uma apresentação comentada” (p.17), como muitos pesquisadores e estudantes ainda fazem. Minha própria experiência de leitura foi, inicialmente, pautada pela procura de trechos que explicassem melhor os “famosos” conceitos saussurianos. Foi mais tarde - durante a disciplina de Fonologia ministrada pela professora Luiza Milano e, posteriormente, nas reuniões de pesquisa do grupo O Rastro do Som em Saussure - que entendi a importância de uma leitura mais atenta do CLG e do legado de Saussure, que vai muito além do Curso, mas que também inclui a leitura da obra póstuma na íntegra.

Embora a leitura do Curso seja muitas vezes deixada de lado, é inegável sua importância para qualquer um que se interesse por linguística. Por ser um texto de fácil acesso e ampla circulação, é uma possibilidade de iniciação ao pensamento saussuriano, ainda que parcialmente. Normand (2009, p.19) questiona: “Saussure está condenado a ser acessível apenas pela floresta de comentários e pelo quebra-cabeça de fragmentos reencontrados?”, ressaltando que, embora o CLG seja um compilado dos cursos e não tenha a exatidão de um manuscrito, pode ser um estímulo à descoberta. Mesmo sabendo que o Curso não foi escrito por Saussure, é importante reconhecer que o esboço de seus cursos (e de seu pensamento) foi e ainda é transmitido até nossos dias. Isaac Nicolau Salum resalta em seu prefácio à edição brasileira do CLG: “Não é uma ‘bíblia’ da Linguística Moderna, que dê a última palavra sobre os fatos, mas é ainda o ponto de partida de uma problemática que continua na ordem do dia” (SALUM, 2006, P.XV). É preciso questionar, portanto, o que foi atribuído ao pensamento saussuriano ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, dar a devida importância ao CLG, porta de entrada para outros estudos saussurianos.

Para além do CLG, sabe-se que a heterogeneidade do legado saussuriano passa por diferentes temáticas dentro da linguística. Ainda em vida, Saussure publicou sua dissertação intitulada *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* em 1878 e a tese *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit* em 1881. Além disso, temos outras fontes saussurianas como suas anotações, preparação de aulas, cartas e os estudos sobre os anagramas e lendas, manuscritos como o *Phonétique* (1995), *Théorie des Sonantes* (2002) e o manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem* (2004)⁴, editado por Bouquet e Engler em 2002 e que integra a obra *Escritos de linguística Geral (ELG)*, traduzida para o português em 2004.

Depecker (2012), autor que explicita várias ideias importantes de Saussure, ressalta que, em seus textos publicados ainda em vida, o linguista genebrino demonstrava um interesse nos estudos da gramática das línguas antigas e na importância de descrever as “leis gerais” da linguagem com base no estudo dessas línguas.

Ao refletirmos sobre as áreas de interesse relevantes para Saussure, podemos citar a divisão entre “Saussure diurno” e “Saussure noturno” proposta por alguns autores: o “diurno” seria o Saussure que conhecemos no CLG - preocupado em estudar a gramática das línguas antigas, “esse que estava preocupado em lançar as bases teóricas e acadêmicas da Linguística” (MALISKA, 2008, p. 3) - e o noturno seria esse que “passava madrugadas estudando os anagramas, decifrando as lendas celtas, a história da mitologia, embriagado de poemas, letras, glossolalias e símbolos que escapavam a uma noção positivista de língua” (ibid, p.3). É interessante reconhecer que, no mesmo período em que estava ministrando os cursos de Linguística Geral em Genebra, também se dedicava a estudar os anagramas e poemas. Silveira (2020) ressalta que

[..] há quem interprete essa concomitância pelo gasto viés da dicotomia, projetando duas faces da obra saussuriana. Mas, há também aqueles que avistam uma relação direta entre as pesquisas no campo da poética e as aulas que originaram o “Curso de Linguística Geral (SILVEIRA, 2020, p. 11)

Isso demonstra, portanto, que Saussure estava interessado em diferentes assuntos que se relacionavam à língua a partir de diferentes pontos de vista.

⁴ Contamos também com a edição desse manuscrito organizada por René Amacker: *Science du langage - De la double essence du langage* (SAUSSURE, 2011 [1891-1892]). Se trata de uma versão que apresenta alguns acréscimos em comparação à edição dos ELG, assim como uma organização distinta, por preservar as rasuras e outras marcas do texto original.

Pêcheux e Gadet (2004) fazem uma reflexão sobre essas duas formas - Saussure diurno e noturno - e de que forma essa divisão leva a “jogar um dos dois Saussure contra o outro” (p. 57).

[...] o trabalho de Saussure (tal como ele é, por exemplo, comentado por Starobinski) faz do poético um deslizamento inerente a toda linguagem: o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da própria língua. (PÊCHEUX E GADET, 2004, p. 58)

Os manuscritos de Saussure que foram surgindo progressivamente demonstram essa preocupação do linguista genebrino de estudar o funcionamento da língua em diferentes manifestações. Para Pêcheux e Gadet, portanto, a leitura que coloca o conceito de valor no centro do projeto saussuriano inviabiliza a distinção entre o noturno e o diurno.

Outro ponto importante é o fato de que o ensino de Saussure se deu pela fala - e muito dela pode ter sido reduzido pela escrita, na elaboração do CLG. Depecker afirma que Saussure tinha, em seus cursos, a atitude de um verdadeiro professor em suas explicações; “ousava pensar em público”, como diz o autor. Salum ressalta que “o famoso livro de Saussure, que ele não escreveu, poderá ter também o seu interesse pedagógico: será uma fotografia fiel de como é apreendido diversamente aquilo que é transmitido por via oral⁵.” (2012, p. 22). As ‘hesitações da lição falada’ podem ter, naturalmente, sido reinterpretadas e reduzidas pela escrita. Isso não torna o Curso uma reconstituição menos digna de ser lida, já que sabemos da heterogeneidade de fontes saussurianas, sobretudo fragmentos de suas notas e manuscritos que foram surgindo progressivamente.

Aqui nos parece significativo pensar no lugar da *voz* de Saussure, afinal, foi através da forma oral que muitas das ideias saussurianas foram propagadas. Maliska (2008) ressalta que “Saussure pauta todo seu ensino na forma oral e justamente trabalha com certa prioridade para a fala, logo esta que também é um produto da voz, logo esta que está na realização material e fonética da língua.” (p. 5), ressaltando que a fala ocupa lugar de destaque em seus estudos e, ao mesmo tempo, é através dessa “voz” de Saussure em seus cursos que conhecemos muito de sua teoria. Buscamos pensar, então, de que forma essa materialidade linguística poderia ser pensada a partir de uma epistemologia saussuriana.

Sabendo da vasta quantidade de fontes saussurianas e que é preciso estabelecer um recorte do objeto de estudo, o foco deste trabalho será, prioritariamente, o Curso de Linguística Geral, obra que funda a linguística moderna, e especial atenção será dada ao lugar que a voz ocupa no mais canônico dos textos saussurianos. Logo de início, o leitor pode se perguntar se há, na reflexão saussuriana, alguma relação com a voz - já que esta não está entre

⁵ Hoje se supõe que esse livro talvez tivesse como base as anotações presentes no manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem*.

os conhecidos conceitos do livro. No entanto, nosso intuito aqui não é dizer que a voz é um conceito saussuriano, mas buscar pistas que evidenciam que, de fato, ela está presente no CLG e imbricada em outros princípios saussurianos. Para isso, começaremos nosso percurso pelo “aspecto fônico da língua” para chegar, mais especificamente, ao lugar que a voz ocupa no Curso.

A respeito de elementos bibliográficos, além do CLG e ELG, há leituras que me auxiliaram durante a escrita deste trabalho, como Normand (2009), Depecker (2012), Stawinski (2020) e Ribeiro (2019), trabalhos que podem ajudar a situar o leitor que quer conhecer melhor as fontes saussurianas.

2.1 SOBRE A QUESTÃO DO FÔNICO NO CLG

Antes mesmo de começar a pensar sobre qual seria o lugar da voz de um ponto de vista da linguística com base nos princípios saussurianos, cabe destacarmos o lugar que o aspecto fônico da língua ocupa na obra em questão. É partindo do estudo do fônico e reconhecendo suas diferentes manifestações na linguagem que chegamos à voz, materialidade que mais despertou meu interesse. A partir das reuniões do grupo de pesquisa *O Rastro do Som em Saussure* - cujo trabalho dos colegas de pesquisa explora diferentes materialidades fônicas (e não fônicas) como o gesto, a prosódia, a escuta - pude aprofundar meu interesse no fônico e, posteriormente, nos estudos sobre voz. Aproveitamos aqui para ressaltar que a abordagem do aspecto fônico da língua na perspectiva saussuriana não se reduz ao puro som - e alguns trabalhos já investigaram essa questão ao aprofundar a reflexão sobre diferentes materialidades - a gestual, por exemplo, explorada por Frydrych (2013; 2020), que faz uma discussão sobre a gestualidade e aproxima a linguística saussuriana ao estudo das línguas de sinais, questionando-se se a gestualidade pode ser linguística.

Mesmo que o foco investigativo deste trabalho busque pistas no CLG, sabe-se que essa atenção dada ao aspecto fônico da língua vai muito além deste. Começaremos pela fonologia. Em seus cursos de linguística geral ministrados na Universidade de Genebra, a fonologia foi uma das importantes temáticas abordadas - mais especificamente, no primeiro curso de linguística geral em 1907. Já no prefácio à edição brasileira, Isaac Nicolau Salum anuncia ao leitor que esse foi um dos principais temas abordados por Saussure em seu 1º curso de Linguística Geral.

[...] a matéria deste curso foi: ‘Fonologia’, isto é, fonética fisiológica (Lautphysiologie), Linguística evolutiva, alterações fonéticas e analógicas, relação entre as unidades percebidas pelo falante na sincronia (análise subjetiva) e as raízes,

sufixos e outras unidades isoladas da gramática histórica (análise objetiva), etimologia popular, problemas de reconstrução”, que os editores puseram em apêndices e nos capítulos finais. (SALUM, 2006, p. 16)

No entanto, é importante ressaltar que a fonologia em Saussure não tem o mesmo valor que assume nos dias atuais; e nem é correspondente à fonética contemporânea. Essa discussão, no entanto, deve ser estabelecida no contexto em que aparece. Para compreender melhor essa distinção entre fonética e fonologia para Saussure, buscamos pistas presentes no CLG que abordem essa diferenciação. Isso fica mais claro no capítulo VII do CLG intitulado “A Fonologia”, em que há uma definição sobre o que essa se ocuparia. Quando mencionada no CLG, a fonologia é evidenciada como o estudo da fisiologia dos sons, e o autor especifica o motivo pelo qual o termo “fonética” lhe parece impróprio:

[...] Pois fonética designou a princípio, e deve continuar a designar, o estudo das evoluções dos sons; não se deveriam confundir no mesmo título dois estudos absolutamente distintos. A fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo. (ibid, p. 43)

A fonética nos tempos de Saussure estudaria, então, transformações históricas dos sons - um estudo diacrônico -, enquanto a fonologia se referiria à fala, à uma análise dos sons articulados, mas que cumpririam uma função no sistema. Milano (2015) ressalta que se trata de uma “fonologia combinatória que leva em consideração as relações entre os fonemas” (p.248); a fonologia em Saussure, portanto, não é equivalente às tradições da fonética contemporânea, já que leva em consideração um estudo dos sons da língua dependente de relações - uma abordagem não isolada dos elementos da língua.

O fato de que há, já na Introdução do CLG, um capítulo intitulado “A fonologia”, demonstra a importância que o estudo dos sons das línguas ocupa dentro do Curso e que esses conceitos são basilares no pensamento saussuriano. No capítulo VII, a temática abordada passa pela definição de fonologia e pela escrita fonológica. Além disso, ainda na Introdução, há um apêndice intitulado “Princípios de Fonologia” que, inicialmente, trata das definições do fonema, do aparelho vocal e seu funcionamento e da classificação dos sons conforme sua articulação bucal. Já no segundo capítulo do apêndice, “o fonema na cadeia falada”, o autor trata, dentre outras coisas, da necessidade de se estudar os sons na cadeia da fala e questões mais específicas relacionadas à grafia, à sílaba à delimitação da fronteira entre os elementos fônicos.

Percebemos aqui que, para além de tratar sobre o aparelho vocal e seu funcionamento fisiológico, os editores passam a tratar sobre o fonema na cadeia da fala - já que, como mencionamos anteriormente, o estudo dos sons das línguas em Saussure é analisado a partir

das relações entre eles - é nesse ponto que, ao falar sobre o fonema na cadeia falada, há também indícios da elaboração de um conceito de língua (MILANO, 2015, p. 249), onde os elementos se articulam dentro de um sistema. Trataremos mais sobre esse conceito de língua presente no CLG no segundo capítulo deste trabalho, que partirá do conceito de língua para chegar à reflexão sobre o significante.

Antes disso, será importante destacarmos que o aspecto fônico da língua está também presente em muitas outras passagens do CLG. Como evidenciaram Ciulla e Milano (2017), que fizeram uma leitura do CLG com o auxílio de uma ferramenta computacional (ExATOpI), existem evidências de que o aspecto fônico ocupa lugar de destaque no Curso - e isso nos é mostrado através de termos que aparecem com frequência no Curso, como *imagem acústica*, *mudanças fonéticas*, *matéria fônica*, etc, muitos deles relacionados ao fônico e à diversidade das línguas: “Saussure, recorrentemente, no CLG, lança mão de seus conhecimentos de línguas, com suas diferentes realizações fônicas, para explicar fenômenos de língua em exemplos de fala” (2017, p.684). Segundo as autoras, o fônico seria esse suporte para auxiliar o linguista a “constatar fatos de língua a partir de fenômenos que são evidenciados na fala” (ibid), ressaltando a importância do aspecto fônico para compreender o funcionamento da língua.

A abundância de termos relacionados ao fônico ao longo de todo o CLG é algo que, na maior parte das vezes, passa despercebido aos linguistas; as principais interpretações da obra saussuriana minimizam, por vezes, essa relevância no Curso.

Por ora, cabe salientar que a obra nos mostra que a questão do fônico é um ponto de partida para o estudo de diversos conceitos saussurianos. O próprio capítulo do CLG “O valor linguístico” traz importantes reflexões que ressaltam que

a substância fônica não é mais fixa, nem mais rígida; não é um molde a cujas formas o pensamento deve necessariamente acomodar-se, mas uma matéria plástica que se divide, por sua vez, em partes distintas, para fornecer os significantes dos quais o pensamento tem necessidade. (2006, p.130)

Fica claro que o estudo do fônico no Curso mobiliza conceitos como valor, signo linguístico, significante, arbitrariedade etc. Serão esses conceitos base para compreender, posteriormente, qual o lugar que ocupa a voz (ou realização vocal) no Curso.

2.2 O FÔNICO PARA ALÉM DO CLG

Sabe-se que Saussure introduziu um novo ponto de vista sobre a linguística. No próprio CLG subentende-se que Saussure tinha diversas críticas a seus contemporâneos - já que, na época, “fazer linguística era descrever as línguas, as mais variadas possíveis e compará-las” (FRYDRYCH, 2020, p. 18). Não é à toa que uma das frases mais conhecidas do Curso é a de que “o ponto de vista cria o objeto” (SAUSSURE, 2006, p. 15), já que questionava o que era tomado como o verdadeiro objeto de estudo da linguística - na época, a comparação entre as línguas -, além de qual seria a unidade de análise da qual o linguista deveria se ocupar. Em meio a esse novo ponto de vista, tem-se uma ênfase dada ao estudo dos fatos da língua.

Apesar de sabermos que nenhum dos textos publicados por Saussure em vida teve a mesma notoriedade que o CLG, cabe destacar neste trabalho a importância de suas reflexões para além deste. Sabe-se hoje que Saussure deixou diversas páginas sob a forma de rascunhos: “inúmeras anotações sobre a linguística geral, cadernos sobre as lendas germânicas, pesquisas sobre a poesia indo-europeia.” (NORMAND, 2009, p.13), e que não é apenas no Curso que encontramos esses indícios da importância do fônico. Essas pistas de que havia, de fato, um interesse pela relevância dos sons das línguas nas ideias de Saussure extrapola a obra em questão: esse interesse também está presente nos Escritos de Linguística Geral (2004)⁶, no manuscrito *Phonétique*, em seus estudos publicados em vida e no estudo dos anagramas.

Optamos por agregar a esse trabalho um breve olhar sobre outras fontes saussurianas, com objetivo de ilustrar o quanto a preocupação com o aspecto fônico da língua que evidenciamos nos estudos do autor não é detectado apenas no CLG. Apresentaremos brevemente essas fontes a seguir.

Os Escritos de Linguística Geral, conjunto de manuscritos e fragmentos editados e publicados por Bouquet e Engler em 2002, tem em sua apresentação inicial uma crítica ao Curso e os acréscimos feitos por seus editores - embora os Escritos também tenham diversas alterações dos editores, acréscimos, mudanças na ordem de apresentação, etc. Segundo os próprios editores escrevem no prefácio, “o pensamento saussuriano, que os textos originais nos fazem descobrir, é menos categórico do que o Cours na medida em que confessa suas dúvidas, a sua heurística [...] sustentando um pensamento mais sutil, mais límpido, mais convincente do que o do Cours.” (p.15). Bouquet e Engler defendem, então, a importância do contato com os textos “originais” de Saussure. E é nessa organização feita por ambos que os Escritos se compõem pelos documentos descobertos em 1996 (Acervo BPU 1996) reagrupados em diferentes partes: o título “Da essência dupla da linguagem”, “Novos Item”,

⁶ De agora em diante, Escritos ou ELG.

“Antigos Item”, “Outros escritos de linguística geral: novos documentos” e “Notas preparatórias para o curso de linguística geral: novos documentos”.

Já no prefácio do manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem* nos deparamos com a seguinte afirmação: “É errado (e impraticável) opor a forma e o sentido. O que é certo, em troca, é opor a figura vocal, de um lado, e a forma-sentido de outro.” (SAUSSURE, 2004, p.21). Há, então, uma primeira menção a essa figura vocal, termo que nos dá uma pista da importância do aspecto fônico em Saussure e se refere à voz. Mais adiante, temos:

Não se pode definir o que é uma forma com a ajuda da figura vocal que ela representa - e também não com a ajuda do sentido que contém essa figura vocal. Fica-se obrigado a colocar, como fato primordial, o fato GERAL, COMPLEXO e composto de DOIS FATOS NEGATIVOS: da diferença geral das figuras vocais associada à diferença geral dos sentidos que se pode atribuir a elas. (SAUSSURE, 2004, p.31)

Nas ideias de Saussure, portanto, existem alguns indícios de que a língua precisa de suporte fônico. Sabemos, no entanto, que ainda há muito a ser desenvolvido em relação ao aspecto fônico nos *Escritos*, especialmente no que diz respeito à voz; isso pode ser assunto a ser aprofundado em um futuro estudo.

Já o Manuscrito *Phonétique*, escrito entre 1883 e 1884 e publicado pela primeira vez em 1994 e 1995, compõe uma parte das anotações de Saussure bem específicas sobre o fônico, editado por Maria Pia Marchese. Como ressalta Ribeiro (2019), é um material bastante distinto das demais obras saussurianas e “apresenta ao leitor um Saussure bastante preocupado e tocado pelas questões relacionadas ao aspecto fônico da língua” (p .22-23). Ele traz a distinção de algumas noções como som, fonema e imagem acústica, conceitos essenciais para pensarmos a teoria saussuriana. O *Phonétique*, assim como a edição de Amacker de *Sobre a essência dupla da linguagem*, sofreu poucas modificações, já que sua editora optou por levar em consideração as rasuras e anotações. Pelo que nossos estudos exploratórios iniciais mostraram, tanto o *Sobre a essência dupla da linguagem* quanto o *Phonétique* são textos essenciais para se pensar o fônico e, posteriormente, estudar a voz na teoria saussuriana.

Igualmente, não podemos deixar de falar da importância dos estudos sobre os anagramas, visto que o aspecto sonoro dessas construções poéticas singulares chamou fortemente a atenção de Saussure. O interesse de Saussure pelos enigmas contidos na poesia se mostra através de diversos cadernos preenchidos por Saussure. Silveira (2020) procura compreender a relação entre linguística e poesia nos anagramas e busca pensar em como é possível aproximar os estudos linguísticos e as artes literárias através desses achados.

Seguindo a autora instigada também pela leitura de Starobinski, descobrimos que foi escutando alguns versos saturninos que Saussure “ouviu levantarem-se, pouco a pouco, os fonemas principais de um nome próprio, separados uns dos outros por elementos fonéticos diferentes” (ibid, p.20 cf. STAROBINSKI, 1974, p.22). Ainda segundo a autora, “foi a partir dessa possibilidade de escuta que Saussure investiu em uma pesquisa orientada pelo aspecto fônico da língua” (p. 20). Essa ênfase dada ao caráter fônico presente nos anagramas interessava à Saussure a partir de sua relação com o valor.

Para além dos manuscritos que foram surgindo ao longo dos anos, temos pistas dessa relevância do estudo dos sons das línguas em seus trabalhos publicados em vida. No *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1878), seu trabalho realizado durante o mestrado em Leipzig, Saussure estuda o sistema de vogais das línguas indo-europeias. Posteriormente, Saussure publica sua tese *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit* (1881). É a partir desse trabalho universitário que Saussure abordará duas questões que serão mais desenvolvidas posteriormente: “sistema, no *Mémoire* e “valor” na tese, termos-chave que tomarão, em sua teoria, uma grande importância.” (DEPECKER, 2012, p. 16). Como ressalta Depecker, os textos publicados por Saussure ainda em vida tratam da gramática das línguas antigas e se ampararam também no que era comum àquela época em se tratando de linguística: reconstruir as línguas indo-europeias. Isso o levou, posteriormente, a refletir sobre as condições de uma linguística geral (p. 17). Sabemos da importância dessas fontes saussurianas publicadas ainda em vida e de observar que havia uma discussão inicial que resultaria nos famosos conceitos saussurianos. Nossa questão aqui, por ora, será desenvolver uma reflexão maior sobre esses importantes conceitos saussurianos de *língua*, *valor*, *arbitrário*, *signo*, *significante* no Curso de Linguística Geral. Posteriormente, essa reflexão feita na próxima seção será essencial para compreender de que forma esses conceitos estão imbricados na importância do estudo da figura vocal no Curso.

3 DA LÍNGUA⁷ AO SIGNIFICANTE

Neste capítulo, nos dedicaremos a explicitar diferentes conceitos-chave da teoria saussuriana e situar nosso percurso em relação a eles, a fim de que, no terceiro capítulo, esses conceitos sustentem nossa leitura acerca do fônico no CLG. Sabe-se que as definições de linguagem e língua foram fundamentais para o linguista genebrino. O percurso do presente capítulo começará por essas noções-base para compreender o pensamento saussuriano, partindo da reflexão sobre língua (seção 2.1) passando pelo conceito de *signo*, *significante* e *valor*, apontando brevemente de que forma essas noções aparecem no CLG.

3.1 A REFLEXÃO SOBRE LÍNGUA NO CLG

Ao longo do trabalho aqui apresentado, nos deparamos com a profundidade dos conceitos mobilizados pelo linguista e abordados no CLG. Segundo Depecker (2012), um dos fios condutores da pesquisa de Saussure está relacionado ao objeto da linguística (p.29), e a esse será voltada nossa atenção nessa seção.

Não há definição pontual sobre língua presente no CLG, e sim, uma reflexão que passa pela fronteira entre as noções de língua, linguagem e fala. No entanto, isso não significa que língua e fala são conceitos dicotômicos, pois é necessário pensar a língua com o apoio do estudo das línguas, manifestações da linguagem.

O capítulo III da Introdução do CLG, intitulado “Objeto da Linguística”, inicia com uma tentativa de definição de língua. É nesse capítulo que a dificuldade de explicitar o objeto da linguística aparece de forma mais aprofundada (e onde, curiosamente, temos a primeira menção à expressão “figura vocal” nos parágrafos seguintes - isso será desenvolvido no capítulo 3 deste trabalho). É a partir daí que se sugere: “é necessário colocar-se primeiro no

⁷ Utilizaremos aqui os termos língua e fala para designar os conceitos saussurianos explicitados ao longo do capítulo. Alguns autores optam por utilizar os termos *langue* e *parole* em vez de língua e fala, justamente para ressaltar os conceitos saussurianos: “[...] com o intuito de demarcar seu estatuto conceitual, além de evitar possíveis interpretações redutoras de ‘língua’ como idioma e de ‘fala’ como realização articulatória. *Langue*, assim, reforça a compreensão de sistema linguístico, enquanto *parole* faz referência ao ato individual que realiza uma atividade de linguagem não redutível à fonação” (STAWINSKI, 2020, p.26). Essa, na verdade, foi uma decisão tomada no interior do grupo de pesquisa *O rastro do som em Saussure*, e pode ser conferida a partir dos trabalhos de Ribeiro (2019), Milano (2020), Stawinski (2020) e em Milano e Stawinski (2020). Optamos, no entanto, pelo uso dos termos em português para este trabalho.

terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (p. 16-17).

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social [...] (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Posteriormente no capítulo, afirma-se que é a língua que ocupa o primeiro lugar no estudo da linguagem” (p. 18), e que essa faculdade se exerce na coletividade. Assim, a observação das línguas poderia dizer muito sobre a linguagem, e também sobre a língua.

Ao falar sobre as noções de língua e linguagem, Normand (2009) destaca a importância de distinguir o termo linguagem “que recobre sempre alguma dualidade nocional (pensamento/som, social/individual) e se presta a uma multiplicidade de pontos de vista” (p. 49). Ao colocar a língua como norma de todas as outras manifestações da linguagem, coloca-se a escolha de partir desse sistema que é a língua, e é ainda no mesmo capítulo do CLG que nos deparamos com essa já conhecida definição de língua como sistema: “constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas⁸.” (p. 23). É dentro desse sistema que as unidades da língua adquirem significação ao estabelecer relações de diferença e oposição com os outros elementos. Há uma priorização, portanto, de compreender o funcionamento das línguas em vez apenas sua função - e Saussure elabora esse “objeto-língua” (NORMAND, p. 51) ao se comprometer com o conceito de língua como sistema: “o que interessa propriamente ao linguista é que ela [a língua] seja um sistema de signos [...] somente esse traço permite definir um objeto próprio à linguística, uma ordem interna.” (ibid, p. 52). É a partir dessa reflexão sobre língua que se esboça uma reflexão sobre sistema e, conseqüentemente, sobre as entidades que o compõem - os signos linguísticos - e se olha para a língua sob um novo ponto de vista.

Destacamos também a importância do fato social da língua para compreender seu funcionamento. Temos no CLG que a língua é uma instituição social. Por ser diferente da ordem do individual, seria a língua o objeto a ser estudado pela linguística. Cabe aqui explicitar que, nas reflexões saussurianas, a língua seria esse “tesouro depositado pela prática da fala nos sujeitos pertencente a uma mesma comunidade” (SAUSSURE, 2006, p. 21) cuja

⁸ Trataremos dessa questão mais adiante no capítulo.

condição de existência está relacionada ao social.

É diante de produções concretas - ou seja, da fala, não necessariamente oral - que “deve-se criar a hipótese de um sistema unitário de referência que permite produzir esses enunciados” (NORMAND, 2009, p. 57). No entanto, não é apenas dessa observação do que é concreto que se reflete sobre o funcionamento da língua, mas também através de certa abstração.

Milano (2018) faz uma discussão sobre o concreto e o abstrato na teoria saussuriana, condição importante para entendermos o estatuto do fônico na reflexão do genebrino. Alinhada a Badir (2012), a autora ressalta que, embora os estudos linguísticos tendam a ter como ponto de partida o dado concreto, o objeto “mais tangível” é o abstrato. No entanto, a autora ressalta que “lidar com a forma-sentido é supor na materialidade fônica o estatuto da representação” (p.895) e que o elemento sonoro concreto não aparece isolado, já que faz parte da cadeia da fala.

É, portanto, em sua existência dupla que o elemento sonoro concreto produz relação de diferença e oposição em relação a todos os outros elementos. Ou seja, potência diferenciadora no sistema é atualizada pela capacidade abstrata do som da língua produzir contraste no sistema (MILANO, 2018, p.895)

Há uma diferenciação, portanto, entre fala, forma de uso concreta e individual da língua, relacionada à coletividade e abstração. Para Saussure, o estudo da linguística deveria se voltar para a língua, já que é através de sua unidade que é possível compreender o sistema que lhe estabelece.

3.2 “A UNIDADE LINGUÍSTICA É UMA COISA DUPLA”: O SIGNO LINGUÍSTICO NO CLG

Retomar a reflexão teórica dos conceitos apresentados no CLG implica nos determos no signo linguístico⁹ - embora saibamos que sua definição é complexa. No CLG, então, ele nos é apresentado como uma entidade psíquica de duas faces que não une uma palavra a uma coisa, mas um conceito a uma imagem acústica - significado e significante - em uma relação de interdependência. É na primeira parte dos Princípios Gerais que encontramos, no CLG, o capítulo “Natureza do signo linguístico”, e nele a importante constatação de que signo não é uma nomenclatura; compreendê-lo dessa forma seria supor que as ideias seriam preexistentes às palavras.

⁹ Nesta seção, nos propomos a discutir as ocorrências de *signo linguístico* no Curso e, na seção seguinte, aprofundaremos a discussão relacionada à flutuação do conceito de *signo* no CLG, além de refletir sobre o *som como tal* e o *som como signo*.

É logo no início do capítulo que lemos que “a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos.” (p. 79). Esses dois termos teriam sido inicialmente chamados de conceito e imagem acústica. Desde já, fica claro que a imagem acústica “[...] não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho dos nossos sentidos.” (p. 80) - e esse caráter psíquico do signo linguístico também é destacado novamente ao longo do capítulo ao colocar o signo como “uma entidade psíquica de duas faces” (ibid). A imagem acústica não seria, portanto, o som físico, mas sua representação - a impressão que temos desse som. As duas partes do signo seriam psíquicas, já que o conceito também está colocado na ordem do que é abstrato. No entanto, temos no CLG que,

Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro. Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis; a escrita pode fixá-los em imagens convencionais [...] (SAUSSURE, 2006, p.23)

Segundo o CLG, é justamente essa possibilidade de fixar esses signos da língua que faz com que seja possível, por exemplo, representar a língua através de uma gramática ou de um dicionário.

Posteriormente, os termos *conceito* e *imagem acústica* foram substituídos por *significado* e *significante*, e não há signo sem que um seja a contraparte do outro. Essa inter-relação dos elementos (signo, significante, significado) nos traz a importante reflexão de que “signo, na época, costumava designar apenas a imagem acústica. Saussure propõe que signo passe a ser definido como a combinação das suas duas partes”¹⁰ (STAWINSKI, 2016 p.20). Os conceitos de signo, significante e significado estão, portanto, em uma relação de interdependência como condição para terem sentido.

Além dessa definição do signo linguístico e sua dupla face, nos são apontadas as duas características essenciais do signo: a primeira, a arbitrariedade, e a segunda a linearidade. A primeira estaria relacionada ao fato de que o significante é arbitrário em relação ao significado; para exemplificar essa arbitrariedade, temos que a ideia de “mar” não apresenta nenhuma razão natural para que a sequência de sons m-a-r a represente. Já a segunda estaria relacionada ao fato de que o significante se desenvolve no tempo e pode ser representado por uma extensão em que os elementos formam uma cadeia, dispondo-se um após o outro (p. 84).

¹⁰ Esse apontamento de Stawinski serve de alerta para que, na leitura do CLG e dos ELG, estejamos atentas para essa flutuação terminológica: há passagens que signo se refere apenas à imagem acústica e há passagens que se refere ao signo todo, conforme detalharemos a seguir.

No capítulo IV da segunda parte do Curso - “O valor linguístico” - temos, novamente, uma reflexão sobre o signo linguístico, começando pela relação entre as ideias e os sons - e de que forma esses elementos estão imbricados no funcionamento da língua. É nesse capítulo também que fica clara a relação entre signo e valor, já que um signo só tem valor a partir das relações que estabelece dentro do sistema ao qual pertence, e sendo sua principal característica ser o que os outros não são.

3.3 O SIGNIFICANTE NO CLG

Sabe-se que significante e significado andam juntos e são elementos que estabelecem relação de interdependência, conforme destacado na seção anterior. No entanto, nesta seção, aprofundaremos nossa reflexão sobre a porção significante do signo linguístico, importante para nossa reflexão acerca da figura vocal.

Ao longo do Curso, existem algumas oscilações quanto ao aspecto material da imagem acústica; sabemos que essa não é o som puramente físico, mas “é em seu potencial aspecto físico que a impressão (e a representação) psíquica se ancora.” (SURREAUX, 2017, p.42), conforme destacado também no CLG. Embora a parte material - ou seja, o som como realização material - seja imprescindível para a construção de sentidos em uma determinada língua, Surreaux (ibid) afirma que “lidar com o som como realização material, como ‘coisa puramente física’, passa necessariamente pela capacidade de representação desse som enquanto unidade que clama por sentido”. Segundo a autora, só a porção fônica não sustenta a significação; é necessária essa ligação entre significante e significado.

Temos, no CLG, que “o significante, **sendo de natureza auditiva**, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo [...]” (SAUSSURE, 2006, p.84). Pode-se dizer, a partir do destaque feito por nós, que “a porção material do aspecto fônico do signo linguístico se constata a partir de um mecanismo psicofísico, cuja transmissão fisiológica é de natureza auditiva.” (SURREAUX, 2017, p.42). Ainda se tratando dessa porção material, pode-se dizer que ela carrega a capacidade de produzir diferenças e oposições na língua.

Cabe ressaltar aqui a importância do “aspecto trino do significante”, conforme o estudo de Riter (2019). Durante trabalho apresentado no Salão de Iniciação Científica da UFRGS, a autora apresentou uma leitura trina da porção significante do signo linguístico que engloba o aspecto acústico, articulatório e representacional do significante. Através de estudos acerca da noção saussuriana de *arbitrário* e *valor*, a autora busca sustentar essa proposta

triádica para a face significante do signo linguístico. O aspecto articulatório estaria ligado à produção do som, enquanto o aspecto acústico estaria na dependência do efeito que esse som provoca. Já a parte representacional seria a abstração da produção e da percepção sonoras; essa leitura trina do significante seria sustentada, portanto, pelas noções-base da teoria saussuriana e do signo linguístico.

Badir (2017) aponta o princípio do arbitrário como fundamental para o destaque dado à importância da noção de significante na reflexão saussuriana: “the link unites the signifier to the signified, or a given sound-image with a specific concept. A little after that during the third course, Saussure clarifies the meaning of the concept of arbitrariness, and again it is the signifier that is said to be ‘arbitrary’” (p.103).¹¹ Vemos, então, a importância do significante, já que essa materialidade fônica que o significante carrega parece ser necessária para que o signo possa estabelecer diferença e oposição no sistema da língua, possibilitando que se oponha um signo a todos os outros. Essas considerações sobre o significante se mostram importantes para refletir a respeito de outras noções saussurianas como *valor* e *sistema*.

3.4 O “SOM COMO TAL” E O “SOM COMO SIGNO”: O SIGNO LINGUÍSTICO PARA ALÉM DO CLG

Outro fator importante para se pensar a voz em Saussure, é refletir especificamente sobre a essência dupla da linguagem. Stawinski (2019) traz considerações importantes a respeito do laço forma-sentido, da figura vocal e do aspecto material do significante no manuscrito saussuriano *Sobre a essência dupla da linguagem*. A partir desse manuscrito, a autora busca explicitar o que seria essa “dupla essência”.

Ao analisar a ocorrência de “figura vocal”, a autora busca diferenciar o que seria o “som como tal” do “som como signo”. Assim, o “som como tal” seria essa materialidade não necessariamente linguística, a figura vocal (que pode ser sonora ou não). Para nós, estaria próximo do que no CLG encontramos como “massa amorfa de sons”. Já o som como signo seria essa materialidade linguística que exige associação entre significante e significado, o laço forma-sentido - unidade linguística que depende dessa associação arbitrária, necessária para que possa ser considerada um signo linguístico. Em diversas passagens, Saussure busca diferenciar “o que seria a ‘figura vocal’ por si só da ‘forma’, inseparável do sentido”

¹¹ “O vínculo une o significante ao significado ou uma dada imagem acústica a um conceito específico. Pouco depois, durante o terceiro curso, Saussure esclarece o significado do conceito de arbitrariedade e, novamente, é o significante que é colocado como ‘arbitrário’” (tradução nossa).

(STAWINSKI, 2019, p. 73). É possível opor, portanto, o que seria o “som como tal” e o que seria a “forma-sentido”.

Como ressalta a autora, nos atentamos aqui para o fato de que a “figura vocal”, desvinculada de sua potência de significar, não interessa ao linguista ou ao sujeito falante. É a possibilidade de adquirir significação que torna a materialidade (seja ela sonora ou não) relevante sob o ponto de vista linguístico. Apesar de deixar clara essa diferenciação, Saussure também não se afastava por completo da materialidade; “afinal, é a partir do aspecto concreto que é possível ao linguista (ou aos próprios sujeitos falantes) delimitar as unidades da língua” (STAWINSKI, 2019, p.74). É nessa diferenciação entre “som como tal” e “som como signo” que é possível pensar a dupla essência da linguagem.

É importante compreender que, ao falarmos em signo, devemos levar em consideração que essa é uma noção que sofre flutuações, principalmente no CLG. Como ressaltamos em nota na seção sobre o signo linguístico (seção 2.2), Saussure demonstrava diferentes impasses teórico-metodológicos em seu texto - e o próprio conceito de signo em diferentes passagens do CLG e dos ELG nos mostra isso: o termo signo é utilizado, por vezes, para falar dessa associação *forma-sentido*, *significante/significado* e, às vezes, refere-se apenas ao *significante*. Como exemplo, podemos citar as seguintes passagens do Curso: “a língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve.” (SAUSSURE, 2006, p. 22, destaque nosso); “Terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo.” (ibid, p.34, destaque nosso). Signo aqui pode ser compreendido como sinônimo de *significante*.

Já em outras passagens do Curso, temos trechos em que signo se refere ao conjunto *significado/significante*: “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...]” (p. 80) e “justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário.” (p. 88). Esses exemplos confirmam que há, de fato, uma flutuação relacionada ao conceito de signo que perpassa a imagem acústica.

4 A VOZ E SEU LUGAR NO CLG

A partir dos elementos apresentados nos capítulos anteriores, seguimos nosso percurso em direção ao lugar da *voz* - ou da *figura vocal* - no CLG. Como apontamos anteriormente, pode parecer estranho ao leitor tentar relacionar o que entendemos por voz com a linguística saussuriana. No entanto, até aqui, discutimos sobre o fônico no CLG e conceitos-base da teoria saussuriana e vimos que há pistas desse lugar de destaque para o aspecto vocal-fônico já no Curso (além, de como já sinalizamos, de outras fontes saussurianas).

Neste capítulo, partiremos de considerações sobre o lugar da voz na linguística (seção 4.2) para, em seguida, pensarmos no lugar que essa ocupa dentro da teoria saussuriana. Para as reflexões que serão apresentadas aqui, os conceitos-base da teoria saussuriana apresentados anteriormente são essenciais, já que em todas as ocorrências de *aparelho vocal*, *signos vocais*, *órgãos vocais* e outras expressões relacionadas à voz (destacadas na seção 4.4), percebemos que cada um desses termos está relacionado a algum conceito.

4.1 DIFERENTES DEFINIÇÕES DE VOZ

Sabemos que, por sua singularidade em cada sujeito, definir o que é voz não é uma tarefa fácil. Nos deteremos, nesta seção, apenas em destacar diferentes observações acerca de um objeto tão importante quanto é a voz, sempre levando em consideração o fato de que não há como estudá-la sem levar em consideração sua relevância para as distintas áreas. Franco (2013) diz que “a voz se forma, inicialmente, como um som, a partir do ar expirado pelos pulmões, para assumir o estatuto de voz quando moldada e modulada na fala” (p. 17). Podemos perceber nessa passagem uma definição de voz de um ponto de vista dos estudos fonéticos, ligada à vibração das pregas vocais e que adquire seu estatuto na realização oral da fala, importante para pensar a voz a partir de seus aspectos físicos.

Mais do que pensar na voz em seus aspectos físicos e fisiológicos, podemos analisá-la a partir da particularidade que ela supõe em cada sujeito. Kloss (2018) reflete sobre como a voz jamais poderá ser colocada como um objeto passível de ser apreendido e generalizado, já que “não se pode e não se consegue categorizar aquilo que se especifica a partir do único. Talvez, inclusive, seja justamente por isso que a voz acabe ficando, de certa forma, inaudível para tantas especificidades, que até a escutam, mas não levam seu estudo adiante.” (p. 11). A autora ressalta ainda que esse aspecto particular da voz não está relacionado apenas às características anatomofisiológicas.

Zumthor (2016) também discute essa particularidade da voz sob o ponto de vista de diferentes áreas como a poética, e busca definir a voz como

o lugar simbólico por excelência, mas um lugar que não pode ser definido de outra forma que por uma relação, uma distância, uma articulação entre o sujeito e o objeto, entre o objeto. [...] a voz, quando a percebemos, estabelece ou restabelece uma relação de alteridade, que funda a palavra do sujeito. (ZUMTHOR, 2016, p. 83)

A voz importa, portanto, para além de seu aspecto físico; importa também em sua dimensão que se estabelece ao adquirir significação na fala e em sua particularidade em cada sujeito. Em seus diferentes aspectos, a voz ultrapassa a linguagem, já que é uma das formas de materializar a subjetividade do falante e causar diferentes efeitos.

Cavarero (2011) problematiza justamente o fato de que, embora possa interessar a diferentes áreas, há uma ausência da voz nos estudos da filosofia e da linguística; há uma “desvocalização” do logos; Flores (2018) faz considerações a respeito da obra de Cavarero e afirma que “a ausência da voz coincide com a (excessiva?) presença do logos, da razão, que abafa a voz.” (p. 39). Essa ausência da voz, portanto, poderia ser justificada por esse abafamento. Como aponta Cavarero (2011), “a voz – estudada na perspectiva da linguagem e, ainda mais, numa perspectiva que entende a linguagem como sistema – torna-se a esfera geral das articulações sonoras na qual a unicidade do som é, paradoxalmente, aquilo que não soa” (p. 25). Uma leitura possível pode ser a de que é difícil conceituar e estudar a voz justamente por essa unicidade, termo utilizado pela autora para tentar definir que essa especificidade da voz está justamente naquilo que é difícil de captar por ser algo íntimo e singular de cada falante.

Neumann (2016) ressalta que a voz pouco aparece nas inquietações e reflexões dos pesquisadores que se debruçam sobre os estudos da linguagem (p. 13). Ressalta ainda que qualquer tentativa de construção do objeto voz está atrelado a uma visão de linguagem e a um ponto de vista teórico. A autora parte de um estudo sobre diferentes obras dedicadas ao estudo da voz e as concepções de linguagem que elas evocam para propor, a partir da obra de Meschonnic, o que seria uma antropologia histórica da voz.

Ao refletir sobre o objeto da voz, sustentando-se em Meschonnic, a autora afirma que “a voz figura, pois, como o lugar privilegiado da aventura antropológica, o lugar da produção de sentidos novos, as visões, as metáforas se fazem nela. A voz pensada pelo discurso passa a ser percebida como atividade dos sujeitos” (p. 89). O discurso e a voz, então, seriam inseparáveis; nessa perspectiva antropológica, o corpo e a voz são reintroduzidos na linguagem, ocupando um lugar indissociável do sujeito. Seria a voz, portanto, a responsável

por constituir um caráter particular da subjetivação no discurso. A partir dessa concepção de voz, a autora propõe que há uma relação intrínseca da voz com a linguagem e o discurso.

Nessa pequena amostra, podemos ver que diferentes autores parecem questionar o que sustenta essa particularidade e diferença da voz em cada indivíduo - voz que estabelece relação com o corpo e é algo complexo de se definir a partir disso. Seguiremos, na próxima seção, trazendo à tona considerações sobre a voz e seu lugar nos estudos linguísticos.

4.2 A VOZ NA LINGUÍSTICA

Sendo a voz uma das manifestações da fala, cabe aqui nos perguntarmos em que lugar ela está colocada dentro da linguística. No entanto, lançando um olhar mais amplo, sabemos que a voz é assunto que interessa a diferentes áreas do conhecimento - filosofia, literatura, antropologia, psicologia, teatro e outras áreas - sendo ainda pouco estudada nas considerações que envolvem a linguística. Maliska (2008) ressalta que “não há uma menção sequer ao termo voz naquela considerada a “bíblia” da fonologia: *Principes de Phonologie* de Troubetzkoy (1970). Da mesma forma, nenhuma menção à voz aparece em *Fonema e Fonologia* (1967) e *Seis lições sobre o som e o sentido* (1977)” (p. 6). Sabemos que a fonética e a fonologia se dedicam ao estudo da voz; no entanto, são áreas que parecem priorizar uma abordagem mais “higienizada” da voz.

Mas existe uma particularidade na voz de cada sujeito, e é nesse ponto que o estudo da voz se torna tão importante, inclusive para a linguística. A voz é uma das marcas do sujeito na linguagem, que não se desvincula do corpo; no encontro de diferentes mundos através de diferentes línguas, o sujeito se adapta à uma nova materialidade linguística e a assume através do corpo e da voz.

4.3 REFLEXÕES EM TORNO DA VOZ NA LINGUÍSTICA SAUSSURIANA

Acreditamos que uma das pistas mais importantes para se pensar a voz em Saussure esteja na menção a uma “figura vocal” no CLG e nas demais fontes analisadas. É importante ressaltar, porém, que o elemento sonoro em Saussure não importa apenas em sua materialidade, mas em sua capacidade de significar na língua. Ao longo da trajetória de pesquisa desde 2018, chegamos a algumas perguntas que nos levaram a procurar, na linguística saussuriana, pistas para as seguintes indagações: é possível pensar nessa figura

vocal como signo linguístico? O que é necessário para que uma unidade seja considerada um signo?

Tivemos a oportunidade de visitar a obra “Das palavras aos termos” - *Dalle parole ai termini - I percorsi di pensiero* di F. de Saussure (COSENZA, 2016), para observar a presença do termo “Voix” nos índices de três cursos ministrados por Saussure¹². A obra conta com coleções terminológicas a partir dos manuscritos do linguista genebrino e, durante nossas pesquisas, a utilizamos para pensar a voz como objeto que mobiliza diferentes conceitos saussurianos. Segundo nosso rastreio, o termo “voz” consta nos índices remissivos das notas do primeiro, segundo e terceiro cursos, organizadas por Komatsu. “Voix” (voz), apesar de não constar no índice remissivo em *Phonétique*, tem ocorrência e é listado como um termo pelo pesquisador. Um dos exemplos desse achado do termo “voz humana”:

Voz humana: [hapax; v. área B; seu papel na determinação do caráter linear das línguas]; Antes de abordar as identidades, voltemos a um aspecto das unidades que deixamos de lado.> Do lado do instrumento material do signo na linguística, é o caráter da voz humana, <o produto do aparelho vocal, > que é decisivo? Não. Mas há aqui um caráter capital da matéria fônica que não é suficientemente <destacado;> o de apresentar-se a nós como uma cadeia acústica, que envolve imediatamente o caráter temporal que deve ter apenas uma dimensão. (p. 20) (COSENZA, 2016, p.526, tradução nossa)

Já no manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem*, são os termos e conceitos relacionados que nos levam a pensar sobre a voz. A reflexão sobre o som como figura vocal e o som como signo abordada anteriormente também faz parte das considerações basilares que nos levaram a reavaliar o lugar do aspecto fônico e da materialidade para pensar o estatuto da figura vocal nas ideias de Saussure. Nesse sentido, acompanhamos a sugestão de Stawinski (2020) que, ao realizar uma detalhada pesquisa sobre a noção de escuta em Saussure, buscou em diferentes fontes pistas sobre esse tema em termos e conceitos que com ele se relacionavam, visto que a noção de escuta, assim como a de voz, não foi explicitamente abordada por Saussure. Metodologicamente, seu procedimento de pesquisa inspira fortemente o presente trabalho.

Para a reflexão sobre a voz na linguística saussuriana, também citamos Parret (2012) com o livro “A voz e seu tempo” - *La voix et son Temps* que, em suas considerações, lida especificamente com a voz, em muitos aspectos instigada por sua leitura de Saussure. É nesse livro que Parret fala em dois tipos de desconstrução da leitura oficial de Saussure relacionadas

¹² Essa reflexão foi apresentada no II Seminário Nacional e Internacional de Língua e Literatura (em agosto de 2020) em parceria com a colega do grupo de pesquisa Aline Stawinski através do trabalho “Voix-parole: considerações sobre a voz a partir de Saussure”.

à voz: uma é externa, operada por Derrida e por Lacan; outra é interna, possível a partir da leitura dos próprios manuscritos deixados pelo linguista.

Outra consideração importante feita por Parret é sua distinção de três pontos de vista para pensar a voz. Segundo o autor, “a consagração na corporeidade tem a mesma força de apego para as três posições que agora distinguiremos: a voz antes da linguagem, o balbucio, o grito, o gemido - a voz-fala e a voz depois da linguagem - o canto, essencialmente.” (PARRET, 2002, p. 28, tradução nossa¹³). Essa voz antes da linguagem seria uma “*masse substantielle*” composta por ruídos, e a linha vocal, a *voix-parole*, cruza essa massa. Para o autor, então, a voz estaria nesse lugar de “alteridade radical”, já que está muito relacionada à subjetividade de cada falante; e há uma voz antes da significação e uma voz depois dela; a voz que buscamos analisar é, portanto, a *voix-parole*, essa que adquire significação através dos efeitos que causa em cada falante e deixa de ser apenas uma massa de sons.

É nesse texto que Parret também destaca que, “o tempo, o corpo, a voz, são o recalque do texto saussuriano, e os manuscritos de Harvard, como um tesouro escondido, e em sua marginalidade, fazem explodir muitas certezas estruturais: o recalque se agita dolorosamente na superfície nesses textos distorcidos, inacabados, ansiosos e extremamente difíceis” (PARRET, 2002, p. 53). Parret buscou compreender a voz como portadora de um sentido que precede e transcende as palavras proferidas, relacionando voz e escuta - e é por isso que esse autor é um dos grandes estudiosos que se dedicou à questão da voz e do ouvido levando em conta o pensamento saussuriano.

Nesse sentido, é importante destacarmos também o lugar da escuta ao abordarmos o tema da voz, pois é através dela que é possível que se faça esse recorte da matéria sonora - e é através dela também que podemos nos debruçar sobre a voz a partir de Saussure. Como diz Parret: “uma fenomenologia adequada da escuta deve revelar como o ouvido, à escuta das vozes, segue o fio vocal recortando a superfície da matéria sonora, e interpreta esse fio sonoro identificando-o como tosse, riso, gagueira, fala ou música” (ibid, p. 14, tradução nossa). Esse recorte da matéria sonora parece estar fortemente ligado à escuta - e tal perspectiva nos dá margem para irmos em busca de compreender melhor a relação entre voz e escuta.

Conforme apontamos brevemente acima, Stawinski (2020) propõe um conceito de escuta articulado às noções de língua e fala levando em consideração o papel atribuído ao falante e ao ouvido a partir da linguística saussuriana. Essa reflexão sobre a escuta e a voz ainda precisa ser aprofundada, pois ainda há muito a se dizer sobre a relação complexa entre

¹³ Agradecemos aqui à Aline Stawinski pelas traduções dos trechos de Parret feitas para a apresentação de trabalho mencionada na nota anterior, e por nós aqui veiculadas.

corpo, voz, efeito e escuta, buscando compreender se o que importa ao linguista é a voz, a realização sonora por si só, ou os efeitos que a voz produz na escuta do outro. Como citado no CLG, “A delimitação de sons na cadeia falada só se pode apoiar, então, na impressão acústica” (p. 51), mas, para isso, deve-se recorrer à cadeia dos movimentos de fonação. Nas próximas seções, nos deteremos nas passagens que tratam da voz e suas ocorrências no Curso.

4.4 A VOZ NO CLG

Na busca de algo que nos auxilie a compreender o tratamento dado ao tema da voz na linguística saussuriana, buscamos citações, expressões e rastreamos as ocorrências que demonstram que há, no CLG, certo interesse e relevância do estudo da realização vocal. Neste trabalho, nos deteremos em demonstrar alguns recortes das passagens onde a figura vocal é evocada e de que forma se relaciona a diferentes conceitos saussurianos. Sabemos, no entanto, que este trabalho é apenas o início da empreitada que indica ser longa. Por ora, destacaremos amostras de um fichamento que é fruto do trabalho de Iniciação Científica realizado junto ao grupo de pesquisa *O Rastro do Som em Saussure* desde 2019; sabemos que as ocorrências perpassam diferentes conceitos que se relacionam entre si; no entanto, dividimos a seção em subseções que podem ajudar o leitor com a visualização desses trechos que destacam a presença da voz em diferentes noções saussurianas.

4.4.1 As ocorrências “vocais” no CLG

Foi através do termo “vocal” que encontramos uma das primeiras pistas dessa relevância em expressões como *órgãos vocais*, *aparelho vocal* (a expressão mais utilizada), *signos vocais*, *cordas vocais*, *vibrações vocais*, *efeito vocálico*, *natureza vocal*, *ação vocal*, *imagem vocal*, entre outras expressões que se referem indiretamente à voz, como *ondas sonoras*. Como ressalta Maliska (2008),

[...] não há nenhuma menção ao termo voz em todo o CLG, nem mesmo na recente e bem aceita publicação dos *Écrits de Linguistique Générale* — texto estabelecido por Simon Bouquet e Rudolf Engler (2002) — não há lugar para o termo voz, embora haja muitas menções ao termo “vocal”. (MALISKA, 2008, p. 6)

A única menção ao termo voz, especificamente, acontece no capítulo VI do CLG, “Representação da Língua pela Escrita”, onde a discussão gira em torno da necessidade de se estudar a língua através de suas diferentes representações; dentre elas, a escrita: “dessarte,

conquanto a escrita seja, por si, estranha ao sistema interno, é impossível fazer abstração dum processo por via do qual a língua é ininterruptamente representada.” (p.33). Temos, em seguida, uma reflexão sobre o prestígio da escrita e causas de seu predomínio sobre a forma falada; ao explicar os fatores que justificam esse prestígio, os editores elencam quatro motivos e, no último, afirmam: “por fim, quando existe desacordo entre a língua e a ortografia, o debate é sempre difícil de resolver por alguém que não seja o linguista; mas como este não tem *voz* no capítulo, a forma escrita tem, quase fatalmente, superioridade; a escrita se arroga, nesse ponto, uma importância a que não tem direito.” (p.36, destaque nosso). A expressão “*voix au chapitre*”, utilizada na versão em francês do CLG e traduzida como “voz no capítulo”, enfatiza que, sobre esse tema, os linguistas não costumam ser ouvidos – ou seja, não tem voz ativa em relação ao assunto.

4.4.2 O som por “si mesmo”

Outro fator importante é o de que, em algumas passagens do CLG, o vocal está relacionado ao puro som - ou seja, ao som por “si mesmo”, sem relação com outros elementos sonoros pertencentes ao sistema. Em alguns momentos ao longo do texto, temos menção a *variação vocálica* (p.184), *intervocálico* (p.170), *unidades fônicas* (p.258), termos que parecem estar relacionados ao puro som, já que são utilizados para destacar e explicar mudanças fonéticas específicas.

Sabendo que o que interessa ao linguista não é apenas o puro som - e que é necessário pensar nele como entidade que depende da palavra, da imagem acústica que os sons sustentam no discurso, nos parece que há passagens em que ocorre uma menção ao aparelho fonador, cordas vocais, vibrações vocais, (SAUSSURE, 200 p. 52-53) onde a discussão passa pelo funcionamento dos órgãos envolvidos na produção do som justamente para ressaltar que, por si só, as unidades acústicas não são analisáveis (p. 51): “os elementos obtidos primeiramente pela análise da cadeia falada são como os elos dessa cadeia, momentos irreduzíveis que não se podem considerar fora do tempo que ocupam” (ibid). É partindo dessa reflexão que os editores propõem ao leitor: “digamos, porém, antes de tudo, algumas palavras acerca do aparelho vocal, do jogo possível dos órgãos e do papel desses mesmos órgãos como produtores de som.” (p.52, destaque nosso). Essa discussão acontece no Apêndice “Princípios de Fonologia” e antecede uma discussão que, pensamos, pode ser relacionada ao valor.

4.4.3 Voz e Valor

A reflexão sobre o “som por si mesmo” antecede a seguinte discussão: “mas enumerar esses fatores de produção de som não é ainda determinar os elementos diferenciais dos fonemas. Para classificar estes últimos, importa menos saber em que consistem que saber o que os distingue uns dos outros” (p.54). Há, portanto, uma reflexão inicial sobre o funcionamento dos órgãos envolvidos na produção de som (que citamos na seção anterior), mas fica evidente a importância de discutir o aspecto distintivo dos fonemas. Os trechos mencionados parecem estar relacionados, de certa forma, ao conceito de *valor*, já que antecedem a discussão ao destacar que as unidades acústicas não são analisáveis por si só.

4.4.4 A voz e a fronteira língua/fala

Em diversas passagens, o termo *aparelho vocal* parece estar relacionado à fronteira língua/fala. Em uma dessas passagens, temos que “é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do **aparelho vocal** como instrumento da língua; os homens poderiam ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas.” (p.17) e “inicialmente, não está provado que a função da linguagem, tal como ela se manifesta quando falamos, seja inteiramente natural, isto é: que nosso **aparelho vocal** tenha sido feito para falar, assim como nossas pernas para andar,” (ibid, destaques nossos). O aparelho vocal é destacado, aqui, como algo secundário que por pura comodidade usamos como instrumento da língua. A expressão **aparelho vocal** aparece novamente no capítulo III, na parte em que há, no CLG, uma contraposição à afirmação de Whitney de que foi “por acaso” que nossa escolha recaiu nos órgãos vocais:

[...] de certo modo, já nos haviam sido impostas pela Natureza. No ponto essencial, porém, o linguista norte-americano nos parece ter razão: a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. A questão **do aparelho vocal** se revela, pois, secundária no problema da linguagem. (SAUSSURE, 2006, p.18, destaque nosso)

Em outro momento, os editores chegam a utilizar o termo *efeito vocálico* para se referir à implosão/explosão de sons: “[...] o som onde se produz essa primeira implosão distingue-se dos sons vizinhos por um efeito próprio, que é o efeito vocálico.” (p.71). Nos chama a atenção que, aqui, é utilizada a expressão “efeito” relacionada ao vocal; ou seja, não é apenas o som por si só que importa, mas o efeito vocálico que o som causa. Outras passagens parecem estar relacionadas a esse “efeito” ligado à fala e à escuta:

Muitos fonologistas se aplicam quase exclusivamente ao **ato de fonação**, vale dizer, à **produção dos sons pelos órgãos** (laringe, boca, etc) e negligenciam o lado acústico. Esse método não é correto: não somente a impressão produzida no ouvido nos é dada tão diretamente quanto a imagem motriz dos órgãos, como também é ela a base de toda a teoria. (SAUSSURE, p. 49, destaque nosso)

É através da impressão acústica produzida no ouvido que o som - essa “produção de som pelos órgãos” - terá valor; através desse recorte feito pela impressão acústica que lhe atribui significado.

Em outras passagens, também observamos uma menção indireta à voz:

A delimitação dos sons da cadeia falada só se pode apoiar, então, na impressão acústica; mas, para sua descrição, procede-se de modo diverso. Ela só poderia ser feita com base no **ato articulatório**, pois as unidades acústicas, tomadas em sua própria cadeia, não são analisáveis. Cumpre recorrer à cadeia dos movimentos de fonação (ibid, p. 51, destaque nosso)

O ato articulatório pode ser, portanto, compreendido como uma menção indireta à voz, relacionando-a à fala e à imagem acústica.

4.4.5 A voz e a impressão acústica/imagem acústica/significante

Em uma das primeiras ocorrências destacadas em nosso rastreio, a expressão **articulação vocal** também pode ser relevante para nossa reflexão sobre a voz, visto que aparece, no mesmo parágrafo, junto da expressão **órgãos vocais**:

[...] as sílabas que se articulam são impressões acústicas percebidas pelo ouvido, mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais; assim, um *n* existe pela correspondência desses dois aspectos. Não se pode reduzir então a língua ao som, nem separar o som da **articulação vocal**; reciprocamente, não se podem definir os movimentos dos **órgãos vocais** se fizer abstração da impressão acústica (ibid, p. 15, destaque nosso)

Essa imagem acústica é percebida pelo ouvido e, assim, nos parece claro que é através da escuta que é possível fazer esse recorte da massa fônica. Novamente, fica evidente que, para definir os movimentos dos órgãos vocais, é necessário o suporte da impressão acústica. As expressões aqui destacadas parecem mobilizar, portanto, o conceito de imagem acústica ou impressão acústica, compreendida também como a porção significante do signo linguístico.

Em outra passagem, temos a expressão **aparelho vocal** em uma possível relação com o mesmo conceito de imagem acústica:

[...] sem dúvida, não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse; eles não a constituem, porém, e explicados todos os

movimentos do **aparelho vocal** necessários para produzir cada **impressão acústica**, em nada se esclareceu o problema da língua. (2006, p.43, destaque nosso)

Logo em seguida, os editores apontam a metáfora da função das cores em uma obra de arte, ressaltando que o que importa para análise é o jogo das oposições e não os processos pelos quais as cores foram obtidas. Ou seja: pode-se fazer um paralelo e dizer que o que importa não é o aparelho vocal ou o som que ele produz, mas esse aliado à impressão acústica e ao significado; novamente, temos aqui a relação entre som e impressão acústica.

Como ressaltamos no capítulo anterior (seção 2.4), existem flutuações teórico-metodológicas nos conceitos saussurianos; um desses conceitos que sofre oscilação é o de signo que, às vezes, se refere apenas à porção significante: “terminamos por dar maior importância à representação do **signo vocal** do que ao próprio signo.” (p.36, destaque nosso). Nesse trecho, fica clara essa oscilação para se referir ao signo (o que ocorre em diferentes momentos do Curso) e, especificamente aqui, o signo aparece como se referindo ao significante.

Ainda em outros recortes do CLG temos essa relação entre significante e o termo “vocal”. Por exemplo, temos a ocorrência de **ação vocal**:

E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos “fonemas” de que se compõem. Esse termo, que implica uma ideia de “**ação vocal**”, não pode convir senão à palavra falada, à realização da imagem interior no discurso. (ibid, p. 80, destaque nosso).

Não pensar nos fonemas de forma isolada (como puro som); é necessário pensar nos fonemas como entidades que dependem da palavra, da imagem acústica que os sons sustentam como significante no discurso. Essa ideia de ação vocal também nos remete à noção de fala destacada na seção anterior.

O termo **imagem vocal** também aparece no CLG, mais especificamente no capítulo IV “O valor linguístico” - subseção 3, onde há uma discussão sobre o valor linguístico considerado em seu aspecto material. Ao colocar em relevância que “se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo de sua parte material.” (p. 137) e que são as diferenças fônicas (e não o som em si) que permitem distinguir uma palavra de todas as outras e levá-la à significação. Essa ocorrência de imagem vocal parece estar relacionada ao significante:

Isso surpreenderá, talvez: mas onde estaria, em verdade, a possibilidade do contrário? Já que não existe **imagem vocal** que responda melhor que outra àquilo que está incumbida de transmitir, é evidente, mesmo a priori, que jamais um fragmento de língua poderá basear-se, em última análise, noutra coisa que não seja sua não coincidência com o resto. (ibid, p. 137, destaque nosso)

Outra passagem que nos remete ao conceito de significante e sua relação com o vocal está ligada ao termo **signos vocais**, que já utilizamos no capítulo anterior (seção 2.4) para exemplificar a flutuação do conceito de *signo* que, por vezes, se refere apenas ao significante: “a língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os **signos vocais** que ouve.” (p. 22).

Em outra passagem, temos o termo *vocal* relacionado não somente ao significante, mas também ao signo linguístico.

Mas admitamos que o som seja uma coisa simples: é ele quem faz a linguagem? Não, não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo. Surge daí uma nova e temível correspondência: o **som, unidade complexa acústico-vocal**, forma por sua vez, com a ideia, a unidade complexa fisiológica e mental”. (ibid, p. 16, destaque nosso)

O significante nos parece, então, essa “unidade complexa acústico-vocal” que, associada ao significado, sua contraparte, forma a “unidade complexa fisiológica e mental”, ou seja, o signo linguístico, que exige essa associação entre significante e significado para que possa existir.

Temos, ainda, uma menção indireta à voz que parece estar relacionada ao significante:

Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente psíquico, seguido, por sua vez, de um processo fisiológico: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo de imagem; depois, as **ondas sonoras** se propagam da boca de A até o ouvido de B: processo puramente físico. [...] (ibid, p. 19, destaque nosso)

Essa ocorrência está no capítulo III, Objeto da Linguística, justamente na parte que situa o lugar da língua nos fatos de linguagem e ilustra o circuito da fala; na página seguinte, também temos as ocorrências de ondas sonoras (novamente) e *vibração dos sons indo da boca ao ouvido* (p. 20).

Fica claro, portanto, que em muitas das passagens onde temos a ocorrência do termo “vocal” - *imagem vocal, ação vocal, signos vocais, órgãos vocais e articulação vocal* - temos, provavelmente, uma relação entre voz e significante. Essa relação indireta fica clara à medida que, embora não tenhamos uma menção específica com a palavra *vocal* ou *voz*, há uma menção aos órgãos da fonação e às ondas sonoras – além de estar presente na explicação sobre o circuito da fala que envolve audição e fonação. Mais adiante no trecho, temos que “[...], mas nossa figura permite distinguir sem dificuldade as partes físicas (ondas sonoras) das fisiológicas (fonação e audição) e psíquicas (imagens verbais e conceitos)” (p. 20). Ao falar em ondas sonoras, há uma menção a essa parte física do circuito da fala.

Nesse breve recorte fruto de releituras do CLG, apresentamos algumas ocorrências de voz e vocal atreladas à diferentes noções saussurianas. Algumas outras menções não foram esmiuçadas neste trabalho; nosso intuito era justamente fazer uma introdução dessa leitura sobre a voz no Curso e destacar a importância de compreender o lugar da voz sob a ótica dos estudos saussurianos, sem ter a ilusão de que o tema se esgotaria nesse percurso inicial. Dito isso, passo, então, para algumas considerações finais.

5 CONCLUSÃO

A partir das considerações apresentadas nesse trabalho, nos foi possível trazer à tona questões que estavam à espreita desde os primeiros semestres da graduação. Uma dúvida (aparentemente) simples apresentada em aula trouxe diversas outras que se tornaram minha curiosidade de pesquisa ao longo da trajetória acadêmica. Questionar-se sobre a voz, como percebemos, faz com que seja necessário questionar-se também sobre o corpo, a escuta e diferentes concepções de linguagem para que se estabeleça um ponto de vista; cada texto lido sobre o assunto trouxe novas dúvidas que não esgotaríamos em um trabalho de conclusão de curso. Nosso questionamento inicial que serviu de disparador teórico e, até o momento, não temos uma resposta concreta para esse questionamento. Podemos ressaltar, no entanto, que queremos seguir investigando a questão da voz e seu lugar no Curso – sem descartar que outras fontes saussurianas também podem render um estudo sob esse viés.

Antes mesmo de iniciarmos nossa discussão acerca da voz no CLG, nos deparamos com a tarefa de fazer um panorama histórico do Curso e ressaltar, principalmente, a importância da leitura da obra na íntegra e as questões de autoria em torno dela. A partir dessas questões apresentadas no primeiro capítulo, no qual partimos para a discussão sobre a questão do fônico no CLG e para além dele - reflexão-base para um enfoque posterior na questão da voz. Foi nesse estudo sobre o fônico em Saussure que tratamos, brevemente, de outras fontes que nos mostravam que a abordagem do aspecto fônico da língua não se reduzia ao puro som e que essa ênfase dada ao estudo dos sons das línguas ia desde seus cursos ministrados em Genebra até suas fontes manuscritas e estudos sobre os anagramas, por exemplo. Essa foi a primeira pista para investigarmos a questão da voz nos estudos saussurianos.

Passamos, então, para a segunda parte deste trabalho que buscava revisitar os conceitos-chave do linguista genebrino. Foi a partir daí que nos detemos nos conceitos de

língua, signo, significante e valor - conceitos essenciais para compreendermos em que medida a voz perpassa a teoria saussuriana.

Todas as considerações aqui apresentadas são resultado das leituras e discussões feitas no grupo *O Rastro do Som em Saussure* e podem ser apenas o início de uma reflexão mais aprofundada sobre o lugar da voz na linguística saussuriana e para além dela. Embora saibamos que a noção de voz não foi explicitamente abordada por Saussure, buscamos diferentes pistas que indicavam que, apesar de não ter estatuto de conceito saussuriano, diversas ocorrências faziam uma menção direta ou indireta à voz/vocal e de que forma elas se relacionavam a importantes noções-base da teoria saussuriana.

Foi no terceiro capítulo que buscamos evidenciar que há uma ausência de estudos sobre a voz e sua capacidade de significar na língua para os estudos linguísticos; a voz é, por diversas vezes, deixada de lado. Partimos desse pressuposto para, posteriormente, nos ancorarmos em autores que refletissem sobre diferentes “definições” de voz que explicitaram a singularidade que é refletida através da voz do sujeito.

Ainda no terceiro capítulo, registramos as ocorrências de *voz* e *vocal* no Curso de Linguística Geral, além de menções indiretas à voz. Percebemos que todas as ocorrências estavam relacionadas, de certa forma, a algumas das noções saussurianas. Relacionados a voz, encontramos os termos órgãos vocais, aparelho vocal (a expressão mais utilizada), signos vocais, cordas vocais, vibrações vocais, efeito vocálico, natureza vocal, ação vocal, imagem vocal, além de ondas sonoras. Para além de uma análise estrita dos termos, nos atentamos para os capítulos e seções em que estavam essas menções relacionadas à voz com objetivo de destacar que essas ocorrências estavam relacionadas a um todo, e que não era apenas a menção à voz por si mesma que adquiria importância na análise.

Percebemos que todas as ocorrências estavam relacionadas a diferentes noções teóricas específicas e dividimos, com o intuito de organizar a apresentação e didatizar o capítulo, as ocorrências de acordo com o conceito que se relacionavam, mesmo levando em conta que, às vezes, uma ocorrência não se relacionava apenas à um conceito específico; iniciamos explicitando as menções que diziam respeito ao “som por si mesmo”, onde o som é mencionado sem uma relação específica a outros elementos sonoros pertencentes ao sistema: unidades fônicas, aparelho fonador, cordas vocais, vibrações vocais são exemplos dessa relação. Essa reflexão sobre o “som por si mesmo” parece anteceder a do funcionamento dos órgãos envolvidos na produção dos sons e, posteriormente, ao aspecto distintivo dos fonemas, nos levando a pensar na relação com o conceito de valor.

Destacamos também as menções relacionadas à fronteira língua/fala. Observamos que o termo aparelho vocal aparece com frequência relacionado a esses conceitos - para refletir sobre a questão do aparelho vocal como instrumento da língua, por exemplo. Temos, então, menções indiretas à voz - como *produção de sons pelos órgãos e ato articulatório*, por exemplo, ambos relacionando à fala, ao vocal e à impressão acústica. Essa impressão acústica também parece estar ligada à escuta; é através desse recorte feito pela impressão acústica que os significados são atribuídos a esse “ato articulatório”.

A maior parte das ocorrências de voz e vocal está relacionada ao significante/imagem acústica. Novamente, temos as ocorrências de *aparelho vocal, órgãos vocais e articulação vocal, ação vocal, signo vocal, imagem vocal, unidade complexa acústico-vocal*. Fica evidente, portanto, que para definir os movimentos dos órgãos vocais é necessário o suporte dessa impressão acústica em torno dessa materialidade. Pensamos, então, que o importa não é apenas o aparelho vocal ou o som que ele produz, mas esse aliado à impressão acústica e ao significado. Maliska (2008) explicita que “Saussure parte de uma metafísica da voz para chegar à noção de significante, pois ao longo dos Manuscritos encontramos uma espécie de “ser vocal” que se situa numa nebulosidade de sinônimos como: imagem acústica, figura acústica, signo vocal, imagem vocal, imagem auditiva, entidade vocal, fenômeno vocal e um pouco mais tardiamente, significante” (p.8), e parece que podemos encontrar também no CLG esse “ser vocal” a partir desses termos relacionados ao seu contexto.

Sabemos que ainda há muito a ser desenvolvido no que diz respeito à voz na linguística. As reflexões feitas até o momento indicam que a voz está presente nas considerações de Ferdinand de Saussure imbricada em diferentes conceitos que mostram que há um espaço para se pensar a voz sob o viés saussuriano.

REFERÊNCIAS

- BADIR, S. Is the arbitrary symmetrical? In: **Semiotica**, v. 2017, n. 217, 2017.
- CAVARERO, A. **Vozes plurais**: filosofia da expressão vocal. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.
- CIULLA, Alena; MILANO, Luiza. Sons nas nuvens: sobre o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. **Revista Desenredo**, 13(3), 2017.
- COSENZA, G. **Dalle parole ai termini**: i percorsi di pensiero di F. de Saussure. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2016.
- DEPECKER, Loic. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Tradução de Maria Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.
- FLORES, Valdir. A voz como objeto de uma antropologia da enunciação. **Work.Pap.Linguíst**, 19 (2): 35-53, Florianópolis, ago./dez., 2018.
- FRANCO, Eda Mariza M. **A voz na apresentação do telejornal**: um estudo enunciativo do Jornal Nacional da Rede Globo. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.
- FRYDRYCH, L. **A teoria linguística saussuriana, a essência dupla da linguagem, e o diálogo entre gesto e língua (de sinais)**: materialidade em questão. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- FRYDRYCH, Laura Amaral. **O estatuto linguístico das línguas de sinais**: a Libras sob a ótica saussuriana. Dissertação (mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- KLOSS, Nina Paim. **Voz**: um índice da presença do sujeito na linguagem no contexto da clínica dos distúrbios de linguagem. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2018.
- MALISKA, Maurício Eugênio. Saussure e a voz. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008.
- MILANO, Luiza. DA COSTA SILVA, Carmen Luci. O lugar da voz na aquisição de linguagem. Porto Alegre. **Nonada**: Letras em Revista, vol.2, núm.21, 2013;
- MILANO, Luiza. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. **Eutomia**, v. 1, n. 16, p. 245-258, 2015.
- MILANO, Luiza. O que cabe em um signo linguístico: o caso do fonema. **Eutomia**, Recife, 17 (1): 67-68, 2016.
- MILANO, Luiza. As mulheres e a linguística saussuriana In: **(Re)leituras em Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste**. 2021, p. 43-61.

MILANO, L; STAWINSKI, A. O arbitrário e/é a escuta. In: **Todas as Letras** – Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020.

MILANO, Luiza. Saussure e o aspecto fônico da língua. **DELTA**, 34.3, 2018 (891-908)

MILANO, Luiza, “As coisas significam alguma coisa?”: sobre as limitações do arbitrário do signo. **Revista Linguagem e Ensino**: Universidade Federal de Pelotas, v. 23, n.3, 2020.

NEUMANN, Daiane. **Em busca de uma poética da voz**. 2016. 173f. Tese (Doutorado em Letras) PPG Letras UFRGS, Porto Alegre, 2016.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PARRET, H. **La voix et son temps**. Bruxelles: De Boeck Université, 2002.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. **A língua inatingível**. Editora Pontes: Campinas, 2004.

RIBEIRO, Joana de Quadros. “**A língua é um traje coberto de remendos feito de seu próprio tecido**”: uma reflexão sobre os neologismos na teoria saussuriana. Porto Alegre, 2019, dissertação de mestrado em análises textuais, discursivas e enunciativas.

RITER, Carolina. **O lugar do fônico na fronteira entre línguas: contribuições linguísticas sob um viés saussuriano**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em fonologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização por Charles Bally e Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. Organização e edição por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Mélaney. **Entre linguística e poesia**: dos anagramas de Ferdinand de Saussure à função poética da linguagem. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2020.

STAWINSKI, Aline. **O aspecto fônico da língua**: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta Saussuriana. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

STAWINSKI, Aline. O “som” como figura vocal e o “som” como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem. **Leitura**, Maceió, v.1 n°62, jan/jun, 2019, p.69-85.

STAWINSKI, Aline. **À escuta da langue-parole**: considerações a partir da teoria saussuriana. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2020.

SURREAUX, Luiza Milano. O estatuto do fônico na fronteira entre línguas. **Visitas Al Patio**, nº 11, 2017.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. 2^a ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002.